

## Espiritualidade e antropologia: um diálogo com Leonardo Boff

Roberto E. Zwetsch<sup>1</sup>

### 1. Introdução

Como muitos outros teólogos e teólogas de minha geração, também eu me sinto aluno de Leonardo Boff. Mesmo não participando de suas aulas, lemos seus livros e acompanhamos sua trajetória teológica, pastoral e cristã. Quando ainda estudava na Faculdade de Teologia em São Leopoldo, realizei um intercâmbio de estudos no antigo Instituto de Teologia do Recife (ITER), vinculado à Arquidiocese de Olinda e Recife (PE), então dirigida pelo arcebispo mundialmente conhecido por sua luta pela paz e a justiça, Dom Hélder Câmara.

Em 1974 vivíamos no Brasil sob o tacão da ditadura militar. Era uma época muito dura, de perseguição, medo e total falta de democracia. Tive a grata oportunidade de morar na periferia do Recife com o padre Reginaldo Veloso, conhecido por suas músicas e por seu trabalho junto às nascentes comunidades eclesiais de base. Em sua casa simples de pau-a-pique, pintada de cal, morei por cerca de um ano, aprendendo muito com ele, seus companheiros de sacerdócio e a vizinhança do bairro, o Córrego do Jenipapo. Estudava pela manhã e trabalhava à tarde no movimento Animação dos Cristãos no Meio Rural (ACR), junto com o padre José Servat. À noite, participava de reuniões com grupos de comunidade, de teatro popular, conhecia lideranças da Igreja e de outros movimentos, ampliando o círculo de novas amizades. No tempo que restava procurei ler teologia.

Naquele bairro cheio de vida, onde a água que bebíamos e usávamos para cozinhar e nos banhar era carregada em latas, pois não havia água encanada, formado por ruelas que seguiam os cursos de água da chuva, vim a conhecer mais de perto a teologia de Leonardo Boff. Li então o famoso livro *Jesus Cristo Libertador*, que tanta polêmica causou na Igreja Católica Romana por aqueles anos. A cada capítulo, um assombro. “Este homem é um protestante”, cheguei a exclamar, por certo não com o ar de censura da Sagrada Congregação da Fé e da Doutrina, mas com um espírito aberto à vivência ecumênica que ensaiava no Recife. Lembro-me de duas percepções importantes que a leitura me deixou:

1) A primeira diz respeito ao próprio Jesus. Calou fundo em minha experiência de estudante de Teologia conhecer de modo tão profundo a importância da **humanidade** de Jesus de Nazaré. Nunca esqueci aquela genial formulação de

Boff: “Humano assim só pode ser Deus mesmo!” que procurava traduzir o velho latim de *Ecce homo*. Se Boff tivesse errado em toda a sua teologia, ainda assim esta confissão o manteria de pé e o salvaria (cf. 1 Jo 4.1-3). Querem saber quem é Deus, o que ele faz por nós e o que deseja de nós? Aí vocês têm a resposta: olhem para este Jesus de Nazaré! Ele é o nosso passado, o nosso futuro e aquele que no presente nos chama para a verdadeira vida.

2) A segunda percepção é crítica. Diz respeito ao seu dogma eclesiológico. Naquele livro, Boff defendia que a Igreja Católica Romana era a “articulação institucionalmente mais perfeita do cristianismo”. Para um protestante evangélico-luterano, ainda que aberto e de espírito ecumênico, tal afirmação era demais. Não dava para aceitar. Bem mais tarde, Boff escreveu *Igreja: carisma e poder*, onde se pode constatar como ele avançou em seu pensamento e em sua crítica à Igreja da qual é servidor. E quem o conhece sabe os sofrimentos por que passou devido às teses defendidas com profunda honestidade nesse novo livro. O doloroso debate com a hierarquia do Vaticano acabou por levá-lo ao afastamento voluntário do sacerdócio, mas não da teologia e da assessoria às pastorais populares. Podemos ver assim como os caminhos da vida, e neles a ação do Espírito Santo, vão movendo a história e transformando mentes e corações.

Esta reflexão nem de longe pretende avaliar o que L. Boff tem escrito sobre espiritualidade e antropologia. Algumas leituras feitas especialmente para esta ocasião me convenceram de que seria necessária uma longa pesquisa para atingir tal finalidade. Isto não foi possível e nem era esperado. Neste texto pretendo, modestamente, levantar alguns pontos e questionamentos a partir da teologia de L. Boff em diálogo com outros teólogos da libertação. Pretendo fazê-lo mais de forma intuitiva que sistemática. Assim, espero conseguir colocar os termos de um problema que a teologia da libertação ainda não enfrentou com a profundidade necessária: a questão do sujeito da fé! Com isto já adentro o tema iniciando pela antropologia.

## **1. Esse estranho desconhecido, o ser humano**

Em sua estadia entre nós, em 1994, L. Boff fez uma conferência pública para mais de 500 pessoas que lotaram o salão de atos do Colégio Sinodal. Ele concluiu dizendo: “O destino de Jesus é o destino de todos nós.” É uma frase que resume toda uma cristologia bem elaborada. Talvez no livro *Paixão de Cristo — paixão do mundo* encontremos a sua afirmação mais precisa do que ele entende por teologia da cruz. Porque este é o destino do Jesus histórico. E se queremos saber quem somos e quem é Deus, necessitamos olhar para a cruz.

Deus deve ser buscado *sub contrario*. Lá onde parece não haver Deus, lá onde parece que ele se retirou: lá está maximamente Deus. Essa lógica contradiz a lógica da

razão, mas é a lógica da cruz. Esta lógica da cruz é escândalo para a razão e deve ser assim mantida.<sup>2</sup>

A antropologia cristã é antropologia teológica. Portanto, afirmamos que não dá para entender a nós mesmos sem considerar a ação do próprio Deus. Milton Schwantes escreveu assim, a propósito:

Sendo a ação desse Deus determinante para dizer o que somos, torna-se necessário admitir que nossa identidade não é suficiente ou satisfatoriamente descrita, se nós nos descrevemos. Nossa autocompreensão ou a percepção e descrição do que somos, no concreto e em detalhes, não esgota nosso ser. Nossa identidade não provém unilateralmente de nós, mas precipuamente nos é atribuída, doada, concedida (...) nosso falar de Deus nos constrange a arriscar uma compreensão de pessoa que conta decididamente com o agraciamento divino.<sup>3</sup>

Mas para saber quem é esse Deus gracioso e misericordioso que nos identifica há que olhar para a cruz, pois ela não ilude ninguém. Continua Schwantes:

Somos seres agraciados, determinados pelo que recebemos. Somos o que na morte de Cristo somos feitos: seres perdoados, agraciados, levados a sério em nosso pecado, miséria, fragmentariedade. Por isso somos e temos que ser os primeiros a enfrentar as dores deste mundo.<sup>4</sup>

Entendo que para se esboçar uma correta antropologia cristã temos que partir não da grandeza ou da pequenez do ser humano, mas da sua realidade concreta e histórica. Na América Latina, e particularmente no Brasil, isto significa dizer que o nosso ponto de partida não será um ideal de ser humano que gostaríamos de ser, fraterno, amoroso, solidário e esperançoso, mas, antes, a experiência de milhões de pessoas quebradas, sofredoras, famintas, cansadas, sedentas e que gritam um grito surdo que poucos escutam.

Como ilustração desse primeiro ponto, trago aqui um conto escrito pelo genial autor brasileiro João Guimarães Rosa. Trata-se de “O espelho”, publicado no livro *Primeiras estórias*, de 1962<sup>5</sup>. Texto aparentemente não religioso, está, entretanto, permeado de sentido teológico<sup>6</sup>. Guimarães Rosa narra a experiência de uma pessoa que, certo dia, ao entrar num banheiro público, descuidadamente avistou-se refletida em dois espelhos — um de parede, outro de porta lateral, aberta em ângulo propício. O que ela enxergou foi uma figura, um perfil humano extremamente desagradável, repulsivo e hediondo. Mais ou menos como acontece naqueles circos com os jogos de espelhos que de propósito deformam as pessoas neles refletidas. A surpresa foi tal que a pessoa resolveu se conhecer melhor, pois ninguém se acha em verdade feio ou sórdido. Quando muito, por vezes, desgostamo-nos por não preencher um ideal estético ou imaginário já aceito. Aquela pessoa, entretanto, queria ir mais fundo. Ela precisava, como diz Rosa, “transverberar o embuço, a travisagem daquela máscara, a fito de devassar o núcleo dessa nebulosa — a minha vera forma”. A partir daí passou a mirar-se continuamente nos espelhos, pesquisando-se como autêntico caçador de si mesmo. Num primeiro

estágio, identificou o seu “elemento animal”, encontrando que o “meu sósia interior na escala era, porém-a onça”. Cabia-lhe então dissociar, no espelho, os traços que nele recordavam o grande felino. Num segundo estágio, identificou o “elemento hereditário”, os traços da família, “as parecenças com os pais e avós-que são também, nos nossos rostos, um lastro evolutivo residual”.

À medida que a experiência avançava, a investigação clivava-se como uma esponja. Escurecia-se. O narrador começou a sentir dores de cabeça e interrompeu a investigação. Passado um tempo, o espírito aquietado, tornou a mirar-se, e o que encontrou?

Simplesmente lhe digo que me olhei num espelho e não me vi. Não vi nada. Só o campo, liso, às vácuas, aberto como o sol, água limpíssima, à dispersão da luz, tapadamente tudo. Eu não tinha formas, rosto? Apalpei-me, em muito. Mas, o invisto. O ficto. O sem evidência física. Eu era-o transparente contemplador? (...) Tirei-me. Aturdi-me, a ponto de me deixar cair numa poltrona.

A pessoa não via mais os próprios olhos. Surgem as perguntas: não haveria em mim uma existência central, pessoal, autônoma? Seria eu um ... des-almado? Seria assim com todos? Seríamos não muito mais que as crianças — o espírito do viver não passando de ímpetos espasmódicos, relampejados entre miragens: a esperança e a memória.

A estória não terminou por aí, contudo. Anos mais tarde desses fatos, conta o narrador que

ao fim de uma ocasião de sofrimentos grandes, de novo defrontei-me rosto a rosto. O espelho mostrou-me. Ouça. Por um certo tempo, nada enxerguei. Só então, só depois: o tênue começo de um quanto como uma luz que se nublava, aos poucos tentando-se em débil cintilação, radiência... Que luzinha, aquela que de mim se emitia, para deter-se acolá, refletida, surpresa? Se quiser, infira o senhor mesmo. São coisas que se não devem entrever; pelo menos, além de um tanto. São outras coisas, conforme pude distinguir, muito mais tarde-por último-num espelho. Por aí, perdô-me o detalhe, eu já amava-já aprendendo, isto seja, a conformidade e a alegria. E ... Sim, vi, a mim mesmo, de novo, meu rosto, um rosto, não este, que o senhor razoavelmente me atribui. Mas o ainda-nem-rosto-quase delineado, apenas-mal emergindo, qual uma flor pelágica, de nascimento abissal... E era não mais que: rostinho de menino, de menos-que-menino, só. Será que o senhor nunca compreenderá?

O narrador conclui se perguntando:

A “vida” consiste em experiência extrema e séria; sua técnica-ou pelo menos parte-exigindo o consciente alijamento, o despojamento, de tudo o que obstrui o crescer da alma, o que a atulha e soterra? Depois, o “salto mortale” ...

Este conto revela uma aguda sensibilidade para as realidades profundas da nossa vida. Qualquer de nós poderia se identificar com o narrador. Mas chama-me a atenção o paralelismo com um texto do Evangelho de João. O conto assemelha-

se a uma paráfrase do novo nascimento anunciado por Jesus no seu encontro com Nicodemos (Jo 3.1-15). Destaco apenas dois detalhes muito importantes para o meu argumento:

1) O narrador, após aterrorizar-se com o seu desaparecimento, a sua nulidade diante do espelho (de Deus?), denuncia uma tênue luz, ainda que nublada. Mesmo assim, uma luz, luzinha que me faz recordar daquela mecha que ainda fumeja e que não se deve apagar, do livro do profeta Isaías (42.3). O que interessa é perceber que foi o sofrimento que preparou o surgimento dessa luz. Quem atua no sofrimento? Por que aquela pessoa sofreu? O que lhe ensinou o sofrimento? É verdade que o sofrimento modifica as pessoas? Nem sempre, mas é sem dúvida uma experiência fundamental. Nesse particular, o reformador M. Lutero tinha uma posição muito clara. Para ele, a verdadeira Igreja (Igreja latente) está oculta sob a cruz. Essa abscondidade, porém, se expressa em sua forma sofredora. Para ele, a cruz e o sofrimento são o tesouro mais precioso da Igreja, de tal forma que uma Igreja que não sofre não é Igreja de Cristo. Para Lutero, cruz e sofrimento juntos são uma das *notae ecclesiae*<sup>7</sup>. Aqui o reformador é o maior crítico das igrejas da Reforma. Von Loewenich, que expõe este tema, conclui: “(...) é uma culpa do protestantismo ter tomado tão pouco a sério este pensamento de Lutero.”

2) O segundo complementa o primeiro. Sem ele, o novo nascimento não ocorreria. Diz o narrador: “Por aí (...) eu já amava-já aprendendo, isto seja, a conformidade e a alegria”. Amor gera conformidade e alegria numa nova relação com o outro, com o semelhante. Amor que se recebe é amor que se aprende a dar. Jesus, por sua vez, fez o elogio de uma prostituta que o ungiu com bálsamo precioso e justificou assim sua atitude: “Perdoados lhe são os seus muitos pecados, porque ela muito amou; mas aquele a quem pouco se perdoa, pouco ama.” (Lc 7.47.) O perdão e o amor na perspectiva de Jesus estão sempre juntos. Quem ama aprende a perdoar e quem perdoa sabe o que é o amor. O amor não subsiste apenas do prazer e da excelência da vida. O amor verdadeiro — eros e ágape — permanece somente quando predominam aceitação, perdão e alegria. E isto não é obra da carne nem do sangue simplesmente, mas é obra do Santo Espírito de Deus<sup>8</sup>.

Penso que é isto o que L. Boff quer dizer quando escreve:

Espírito não constitui uma parte do homem. É o homem todo inteiro no modo de ser de transcendência, de capacidade de superação e de poder se orientar para além do princípio do prazer. Para quem vive em radicalidade este modo de ser (espírito) até a calamidade e a desgraça são meios de crescimento. O homem espiritual se aperfeiçoa com a desgraça. O insensato se lamuria.

Mas a que se deve tal transcendência? Boff logo responde:

Ao experimentarmos assim o espírito, experimentamos juntamente aquilo que graça e sobrenatural significam. O espírito aqui já não é mais simplesmente espírito. É o Espírito Santo que está em nós e nos move.<sup>9</sup>

Se isso é verdade, parece-me contraditório L. Boff afirmar em outras partes a bondade natural que ainda-quem-sabe-porventura restaria no ser humano (cf. p. 119, 136s., 169s., 182 da obra citada). Estas afirmações não correspondem à realidade do cara a cara de nossa existência cotidiana nem ao testemunho bíblico, que fala de nossa separação de Deus, e muito menos serviriam para elaborarmos uma antropologia libertadora<sup>10</sup>. A mim me parecem mais coerentes as afirmações que vão na outra direção, também presente nos livros de L. Boff. Nestas ele afirma que a graça de Deus recebida com o perdão dos pecados livra as pessoas do passado que escravizava, as renova por dentro, pela raiz, é radical, fazendo delas novo ser, radicado em Deus, fundamento do ser, como é com Jesus, que Boff chama de *novissimus Adam* (p. 191). Este é o processo de conversão que, uma vez iniciado, não descansa mais (p. 190), ainda que sempre sujeito à dialética do pecador-justo/justificado. A teologia luterana chama a isto de *sola gratia*, que se traduz na vivência histórica como o ser oprimido, liberto e libertador. Ou, como o próprio L. Boff o definiu: *homo simul oppressus el liberatus, semper liberandus*<sup>11</sup>.

Gustavo Gutiérrez tratou do mesmo tema no livro *Falar de Deus desde o sofrimento do inocente*<sup>12</sup>, um estudo do livro de Jó. Ele disse três coisas que interessam aqui. No livro de Jó estamos definitivamente frente ao Deus da *sola fide* quando reconhecemos a gratuidade de seu amor. A graça não se opõe nem desmerece a busca da justiça, mas lhe dá seu pleno sentido. Há, portanto, que recuperar em nossa luta pela justiça a experiência da graça, da gratuidade da vida baseada na fé no Deus que ressuscita os mortos.

A luta profética pela justiça não pode ocultar que ela é insuficiente para aproximar-se do mistério do Deus de Jesus Cristo. É necessário situar a justiça no marco da gratuidade, do amor gratuito de Deus. Gutiérrez afirma com propriedade que o Deus do livro de Jó não se confunde com o esquema *do ut des*, o esquema de quem negocia com Deus favores e salvação. Ninguém, nenhuma obra humana, por valiosa que seja, merece a graça. Não sendo assim, a graça deixaria de ser graça<sup>13</sup>. Este é o centro da mensagem de Jó. O livro de Jó é uma mensagem de reprovação da teologia da retribuição. Jó foi libertado não da necessidade de praticar a justiça, mas da tentação de prender o próprio Deus numa concepção estreita de justiça.

Aí entram a contemplação e a mística, temas com os quais a teologia luterana sempre teve grandes dificuldades. Essa linguagem da fé é expressão de gratuidade, enquanto a linguagem profética é expressão de exigência e juízo. Os seguidores e seguidoras de Jesus vivem entre estes dois pólos: graça e exigência. Porém só as compreendemos sob a mensagem da cruz. A força e o poder de Deus se encontram na cruz, onde paradoxalmente percebemos a mais profunda “debilidade divina”. Da cruz recebemos a linguagem da cruz. Nela encontramos a síntese do falar profético e do falar contemplativo. Tal é para Gutiérrez a única linguagem “apropriada para falar do Deus de Jesus Cristo”. Só é possível falar de Deus no seguimento de Jesus Cristo. Isto significa compartilhar seus sofrimen-

tos, por conseguinte, os sofrimentos do mundo e das pessoas. Para a fé cristã, todo sofrimento humano, sejam quais forem suas causas sociais ou pessoais, é uma questão teológica. Assim, só é possível articular nossa fé e teologia tomando como referência o sofrimento de milhões de irmãs e irmãos desta Ameríndia afro-mestiça, pobre e, todavia, esperançosa e cantante. Nós só podemos falar de Deus juntando-nos ao grito surdo de nossas gentes. Solidários e abertos à ação soberana de Deus.

Voltando ao texto de G. Rosa, o narrador conta que devagar apareceu no espelho um rosto, um rosto de menino, de menos-que-menino. Só. E então, o salto mortal. Um novo ser começa a surgir na face límpida do espelho. A meu ver, esta é uma metáfora para a experiência da fé, a experiência extrema e séria da vida. Vivência da surpresa do encontro com a graça de Deus.

O conto de G. Rosa é ficção de alta qualidade. Porque remete o leitor ou leitora às mais profundas realidades da vida humana. Lá onde não é possível tergiversar, titubear. Lá onde é preciso decidir, optar, lutar consigo e com o mundo. É fenomenologia religiosa. Ou por outra, antropologia cristã implícita. Deus fala e age na vida, muitas vezes, através de fracassos e sofrimentos vários, despertando em nós compaixão, amor, dos quais nascem a reciprocidade, a solidariedade. E no amor se fundamenta a fé, que por sua vez atua pelo amor (Gl 5.6). Esta é a dialética constante, exigente, verdadeiramente criadora da fé e do amor. É aquela liberdade que liberta o cativo de si mesmo para servir à justiça do Reino (Rm 6.12)<sup>14</sup>.

## **2. Características da antropologia cristã**

Para a antropologia cristã, o sofrimento e o amor são experiências-chave. Outra constatação é que esse sofrimento não é algo apenas individual. A partir da cruz de Cristo e de sua solidariedade com as pessoas sofredoras onde quer que existam, podemos afirmar que tal sofrimento não é gratuito. Geralmente, é sofrimento imposto por uns sobre outros. Na América Latina, se fala da injustiça e da violência institucionalizadas. Entre nós, o trabalho que produz a riqueza social em geral é mal pago, enquanto o lucro é muito mal distribuído. Conhecemos muito trabalho desumano, que não gratifica nem dignifica a pessoa que o realiza. O trabalho, antes, aliena, escraviza, produz uma legião de descontentes, tornando nosso povo enfermo e carente. A antropologia cristã sabe distinguir, no sofrimento, quem sofre e quem provoca o sofrimento. Pois é muito diferente o sofrimento de quem mora na Av. Atlântica no Rio de Janeiro do sofrimento de quem vive numa de suas muitas favelas ou na Baixada Fluminense. É diferente o sofrimento de uma família sem terra do sofrimento daquele que contrata bóias-frias por uma diária aviltante.

Outro aspecto que gostaria de ressaltar diz respeito ao cansaço, à fadiga como ela é vivida por nosso povo. Ecléa Bosi chamava a atenção para esta

característica do cotidiano de nossa gente<sup>15</sup>. A fadiga, a fome e a sede deixam suas marcas nos corpos das pessoas. Impedem que elas se desenvolvam normalmente, comprometendo sua expectativa de vida, seu futuro. Seguidamente, a fadiga e a fome reduzem a vida a uma existência insuportável que pode explodir em protestos, violência ou êxtases religiosos, carnavalescos, nos templos, nas ruas ou nos campos de futebol. Não é por acaso que a comunidade cristã que nasce em meio a esse povo, surge precisamente entre os empobrecidos e sofredores. Aí juntam-se a realidade e o mistério da fé que anima e levanta as pessoas humilhadas e sobrecarregadas. Tal *ecclesia* apresenta um rosto cheio de esperança como aquela flor que nasce do asfalto no poema do grande Carlos Drummond de Andrade. A experiência desse cristianismo de base rejuvenescido é responsável pelas mudanças eclesiais mais interessantes ocorridas nas últimas décadas por este continente afora. Sobre isto L. Boff já escreveu de muitas e variadas maneiras<sup>16</sup>.

Quanto à dimensão pessoal da experiência da fé, este é um dos pontos que a teologia da libertação precisa retrabalhar, aprofundar; incluindo aí as questões do cotidiano, da cultura, do imaginário, as relações étnicas, as opções que fazem de cada qual um sujeito, uma personalidade. Pois é nesse âmbito onde necessariamente são tomadas as decisões que informam a existência, nelas se experimentam a liberdade divina e a luta por justiça. Se muitas das pessoas que militam em movimentos populares ou mesmo nas distintas pastorais das igrejas reclamam que por muito tempo se menosprezou a dimensão subjetiva, do irrepetível e único que diz respeito a cada qual, é preciso dar ouvidos a essas pessoas e estar pronto a caminhar com elas esta segunda milha da caminhada da fé e da luta (Mt 5.41). A meu ver, é a milha da gratuidade de todos os projetos, de todas as utopias, sem a qual nenhuma utopia, nenhum projeto de nova sociedade se realiza junto e para além da práxis coletiva de libertação que, por sua vez, escapa das vontades individuais e será sempre urgente e necessária. Já escreveu faz tempo Agostinho Neto, de Angola: “A verdade e a justiça só serão completas quando se instalarem em nossos corações.”

Para concluir este ponto, narro um fato acontecido na Penitenciária Feminina Madre Pelletier, em Porto Alegre (RS). Maria, 26 anos, encarcerada há três anos, soube estar contaminada com o vírus HIV. Com 18 quilos, foi transferida de Passo Fundo para Porto Alegre. Atirada em seu beliche, esperava a morte, sua única certeza. Mas algo aconteceu na cadeia que mudou a sua vida. Ali ela encontrou companheiras que, com afeto e solidariedade, deram-lhe uma nova e surpreendente razão de viver. Ela disse à jornalista que a entrevistou: “Quando eu só esperava morrer as pessoas foram gentis comigo, tentaram me alimentar, conversar, emprestar roupas.” A solidariedade a fez sentir novo gosto pela vida. Como toda pessoa portadora do vírus, ela apresenta inúmeros problemas de saúde. Nesses dias recebeu indulto (o primeiro no estado do Rio Grande do Sul) e foi para casa para ficar ao lado de sua filha. Disse ao sair: “Não sei quanto tempo vou viver, mas acho que pode ser uma vida boa ao lado da minha menina” (*Zero Hora*, 24/04/1994,

p. 43). Fiquei pensando naquela frase do Evangelho de João: “O Espírito sopra onde quer”, depois de ler este depoimento. Ocorre que às vezes ele sopra nos lugares onde menos imaginamos.

### **3. Espiritualidade da libertação: um desafio vivencial**

A teologia é uma das ciências mais exigentes. É ciência, mas é mais do que ciência. É que a teologia exige experiência vivida. É confronto com o outro no qual o Grande Outro se nos apresenta em sua irredutibilidade, em sua alteridade radical, questionando, amando, sofrendo, libertando.

Não é possível fazer teologia cristã como se fazem experiências em laboratório. Estou falando aqui de outra experiência. Há uma distância fenomenal desta para o mundo científico-técnico. Não obstante, a boa teologia exige rigor, coerência e honestidade intelectual.

Mas o que caracteriza de modo especial o fazer teologia na América Latina não é tanto a sua cientificidade. Esta já é, em grande parte, aceita e está definida. O novo entre nós é a compreensão de que a teologia é uma caminhada espiritual que se faz com o povo de Deus, a partir de suas marchas e contramarchas, pequenas vitórias e fracassos, dores e alegrias. G. Gutiérrez chegou a dizer que a nossa metodologia (teológica) é a nossa espiritualidade, pois só é possível realizar a reflexão sobre o mistério de Deus a partir do seguimento de Jesus de Nazaré<sup>17</sup>. A teologia é reflexão segunda, sim, mas a partir de uma caminhada de fé, termo tão caro aqui na América Latina, que quase define o nosso entendimento do discipulado. Seguir Jesus na realidade conflitiva deste continente implica despojamento, conversão, lucidez e o exercício de uma misericórdia ativa permanente, sem a qual todo o nosso discurso teológico a respeito da justiça do Reino se esvazia, perde credibilidade e compromete a própria mensagem do evangelho da graça.

Quando nos defrontamos com uma crise na vivência da espiritualidade, podemos ter certeza de que se trata de uma crise da nossa própria articulação teológica. Pois ambas precisam ser vistas juntas. A espiritualidade da libertação tem se constituído ao longo das últimas décadas num enorme desafio para as comunidades de fé e para nós mesmos enquanto aprendizes e mestres de teologia. O que fomos descobrindo — a duras penas — é que a espiritualidade da libertação nos compromete, em primeiríssima instância, com os pobres, excluídos, sem lugar, sem vez e sem voz. Por isso, tal espiritualidade foi desvendando uma nova hermenêutica bíblica através da qual a palavra de Deus cobrou nova e surpreendente atualidade. Nesse sentido, os oprimidos, os povos dominados, as etnias violentadas, as mulheres e crianças, as pessoas idosas e portadoras de deficiência foram se introduzindo na espiritualidade e ganhando primazia na interpretação do mistério da ação de Deus na história. Ela nos jogou numa nova práxis não mais

restrita apenas à vida das igrejas, às institucionalizações dos carismas, mas que ultrapassa e se projeta na dinâmica própria do reino que é de Deus, que dirige a história segundo seu propósito. Esta espiritualidade é uma forma concreta de viver o evangelho, movida pelo Espírito de Cristo<sup>18</sup>. Ela se expressa num estilo de vida exigente e radical que:

- assume a simplicidade como modo de vida;
- vivencia a graça de Deus como abertura para o outro, de modo especial, o outro sofredor, debilitado, desprezado;
- entende que a luta pela justiça e pela transformação das estruturas é um desafio permanente para a fé e não algo opcional;
- compreende a conversão como conversão ao próximo, no qual Cristo se nos apresenta como interpelação;
- aprende a viver com a dúvida, na incerteza muitas vezes, porém sem sucumbir ao desânimo e à infidelidade;
- sabe o que é tentação e por isso aprende a amar ao pecador antes de julgá-lo.

Sem dúvida, a reflexão em torno da espiritualidade mexe conosco enquanto protestantes. Não raro, nossas experiências de fé são muito tradicionais e individualistas. Com o passar dos anos, caso não sejam sacudidas, tendem a se enclausurar e a se tornar impermeáveis ao sofrimento alheio<sup>19</sup>.

L. Boff dizia em sua conferência acima citada que toda a sua teologia é como que uma espiritualidade, uma meditação da obra de Deus no mundo. Outros teólogos apresentam um pensamento bem mais sistemático e duro. Boff acredita que a sua maneira de fazer teologia está permeada de suas vivências e da sua experiência espiritual, que extravasou o convento (ele foi por longos anos franciscano) e o inseriu nas comunidades de base, nas periferias das cidades, nos campos, nas ruas, ali onde a nossa gente luta e bebe das fontes da água viva. Creio que ele disse coisas que têm a ver conosco, com a nossa interrogação pelo sentido da vida e talvez esta seja uma das razões da enorme repercussão de sua vasta obra literária (já publicou mais de uma centena de livros). Isto é muito importante e temos que ouvi-lo aqui com admiração e respeito. Mas, ao mesmo tempo, buscar nossos próprios caminhos, coisa que nem sempre nos arriscamos a fazer. Há, pois, que aprender uns dos outros, levando as cargas uns dos outros, como disse o apóstolo Paulo (Gl 6.2).

Dois pontos me parecem essenciais nessa vivência comprometida da fé cristã:

- 1) Aprender a vivenciar nossa fé não em um lugar ideal, mas ali onde nos toca viver, portanto, em nossa vida cotidiana, em nossa vocação, como dizia Lutero.
- 2) Sair de nós mesmos ao encontro do outro. Fazer teologia libertadora sem sair de nosso pequeno e reduzido mundo bem comportado é falso e não resiste à crítica.

A fé cristã vivida em chave libertadora é profundamente aberta a outras pessoas, arrisca sempre ir ao encontro de sua realidade para comparti-la, faz com que constantemente nossos olhos se abram para ver e dar-nos conta do sofrimento

e do clamor alheios. Ela nos prepara para a solidariedade, para a partilha e o compromisso com a transformação das estruturas injustas. Ensina-nos a inconformidade com os sistemas iníquos que sacrificam a vida de milhões de pessoas (Rm 12.1s.). Não é por acaso que uma das disciplinas de nossa Faculdade de Teologia se chama “Pastoral de Solidariedade”. Nela se procura aprender um método de teologia pastoral cuja finalidade é despertar a solidariedade como valor imprescindível da vivência cristã na sociedade contemporânea, sobretudo entre pessoas abandonadas e sofredoras cuja existência não vale mais nada para o sistema dominante. Junto a outras iniciativas de inserção, procura-se ensaiar um aprendizado teológico crítico, autocrítico, rigoroso e simultaneamente missionário, numa palavra, espiritual, nos termos como L. Boff coloca:

O cristão discerne, na paixão dos pobres e marginalizados, a presença e atualização da Paixão de Jesus, que continua agonizando na carne e no grito de seus irmãos e irmãs. Mas vê também nos avanços rumo à instauração da justiça e da promoção da vida os sinais da ressurreição acontecendo na história.<sup>20</sup>

Acontece, porém, que essa inserção e abertura para o outro, para realidades fora de nós e do nosso controle estrito, não nos deixam impunes. Ao nos confrontarmos com a realidade do outro, de outros povos, pessoas e grupos, não podemos mais alegar inocência, ingenuidade, desconhecimento, falta de compromisso. Ao assumirmos a **dimensão missionária** da fé, entramos num processo contínuo de mudança de mentalidade (*metánoia*, segundo o Novo Testamento), que provoca uma reavaliação de preconceitos e fidelidades. A quem servimos? É que, vivida nessa forma relacional, dialógica e comprometida, a fé começa a nos tornar cúmplices do destino do outro. Mais recentemente na América Latina tem-se levantado toda uma discussão em torno do conceito de inculturação, sobretudo na teologia pastoral católica romana<sup>21</sup>. Trata-se de responder como viver o evangelho inserido em distintas culturas. De minha parte, tenho procurado trabalhar a inculturação sob a ótica da **convivência**. Pois a convivência é um termo mais concreto e descreve um processo de aprendizagem que procura respeitar o outro, sua cultura, seu modo de ser e viver. É convívio na diferença. É aquela condição que permite desenvolver o diálogo e a luta comum sem perda das identidades. É também o que permite conhecer o outro segundo suas próprias categorias, com base em relações simétricas e não hierárquicas ou de superioridade.

É certo que a convivência não é a solução para todos os nossos problemas missionários. Ainda assim, ela nos ajuda a redefinir nossa fidelidade a Cristo e nos dá a oportunidade de um novo encontro com aquele que diz: “Se alguém quer vir após mim, a si mesmo se negue, tome a sua cruz e siga-me. Portanto, quem quiser salvar a sua vida, perdê-la-á; e quem perder a vida por minha causa, achá-la-á.” (Mt 16.24s.)

Para concluir, apresento um testemunho de um agente de saúde da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB) que atua como coordenador

de um albergue para pessoas enfermas na cidade de Vitória (ES). Arlindo Lagaas, perguntado acerca de seu trabalho e se a assistência à saúde não seria tarefa do Estado, do governo, respondeu:

Sim! É papel do Estado! Mas o Estado não o faz. A Igreja se preocupa em acompanhar os pomeranos, pois senão muitos poderiam morrer. A Igreja Luterana preocupa-se também com a situação do Brasil como um todo. No albergue fazemos um trabalho que visa a conscientização das pessoas e a transformação da sociedade. Precisamos fazer de tudo. Precisamos ir além do assistencialismo. Comprendemos que a saúde e o bem-estar das pessoas são desejo de Deus e por isso precisamos lutar contra a morte que constantemente ameaça a vida. Lutar pela preservação da vida é tarefa evangélica... A esperança, a fé, a vida cristã nos motivam para o trabalho. O trabalho que realizamos valoriza a vida. Todo o nosso trabalho está embasado na luta pela vida e isso é espiritualidade. Da nossa fé faz parte o enorme desejo de que um dia o albergue não mais precise existir, porque já não haverá mais doenças. Por ora, sabemos que o albergue é um espelho, um modelo que está auxiliando outros grupos e, principalmente, o Estado na área da prevenção de todas as doenças.<sup>22</sup>

O grupo com que Arlindo trabalha realiza todos os anos, em Vitória, uma grande Festa Popular da Saúde, que reúne milhares de pessoas. Conta ele que na festa acontece “uma caminhada, na qual se reflete bíblicamente sobre fé e saúde... Através dessa festa, das danças, do forró, queremos mostrar ao pessoal da cidade que a Igreja está presente e que ela se manifesta na esperança de um dia podermos viver melhor. Este é um trabalho popular, feito em conjunto com o povo. É um trabalho difícil, que avança devagar.” O testemunho desse obreiro nos coloca diante de um tipo novo de espiritualidade que começa a deitar raízes na IECLB. É um modelo de mudança na perspectiva teológica das pessoas das comunidades. Talvez raro, ainda, mas presente e mobilizador na missão de Deus: “Esta é uma luta que se ganha através da paciência, de mudanças, do voto, da aprendizagem, da fé, da diaconia, do amor, quer dizer, é uma luta popular que precisa avançar sempre”, completa Arlindo.

Creio que L. Boff concordaria com Arlindo, pois ele mesmo escreveu o seguinte sobre a mística que anima a luta política e popular:

Lutar com os pobres, fazer corpo com seus anseios é comungar com o Cristo pobre e viver em seu seguimento. Esta perspectiva implica ser contemplativo na libertação: *contemplativus in liberatione* — e supõe nova forma de buscar a santidade e a união mística com Deus (...). Por isso, para alguém que compreendeu essa perspectiva, o serviço libertador com os irmãos constitui uma verdadeira diaconia ao Senhor, um associar-se à sua obra redentora e libertadora e uma real *leiturgia* no Espírito. Eis o que significa ser *contemplativus in liberatione*.<sup>23</sup>

## Bibliografia

- BOFF, Leonardo. *Jesus Cristo Libertador* : ensaio de cristologia crítica para o nosso tempo. 5. ed. Petrópolis : Vozes, 1976.
- *A graça libertadora no mundo*. Petrópolis, Lisboa : Vozes, Multinova, 1976.
- *Paixão de Cristo — paixão do mundo* : os fatos, as interpretações e o significado ontem e hoje. 2. ed. Petrópolis : Vozes, 1978.
- *O caminhar da Igreja com os oprimidos* : do vale de lágrimas à terra prometida. Rio de Janeiro : Codecri, 1980.
- *Igreja: carisma e poder* : ensaios de eclesiologia militante. 2. ed. Petrópolis : Vozes, 1993.
- *Ecologia, mundialização, espiritualidade* : a emergência de um novo paradigma. São Paulo : Ática, 1993.
- BRANDT, Hermann. *Espiritualidade* : motivações e critérios. São Leopoldo : Sinodal, 1978.
- BOSI, Ecléa. Problemas ligados à cultura das classes populares. In: VALLE, Edênio, QUEIRO, José J. (Orgs.). *A cultura do povo*. 4. ed. São Paulo : Cortez, 1988. p. 25-34.
- CASALDÁLIGA, Pedro, VIGIL, José Maria. *Espiritualidade da libertação*. Trad. Jaime A. Clasen. São Paulo : Vozes, 1993. (Teologia e libertação. Série III: A libertação na história, tomo IX).
- GUTIÉRREZ, Gustavo. *Teología de la liberación* : perspectivas. Lima : CEP-Universitaria, 1971.
- *Beber no próprio poço* : itinerário espiritual de um povo. Trad. Hugo P. Boff. Petrópolis : Vozes, 1984.
- *Falar de Deus desde o sofrimento do inocente* : uma reflexão sobre o livro de Jó. Trad. Lúcia Mathilde E. Orth. Petrópolis : Vozes, 1987.
- LOEWENICH, Walter von. *A teologia da cruz de Lutero*. Trad. Walter O. Schlupp e Ilson Kayser. São Leopoldo : Sinodal, 1988.
- LUTERO, Martinho. Da vontade cativa. In: ID. *Obras selecionadas* : vol. 4: Debates e controvérsias /II. Trad. Luís H. Dreher, Luís M. Sander e Ilson Kayser. São Leopoldo, Porto Alegre : Sinodal, Concórdia, 1993. p. 11-216.
- MENDONÇA, Antonio Gouvêa. Teologia e espiritualidade. *Reformatá*, São Paulo, n. 3, p. 41-60, set. 1992.
- ROSA, João Guimarães. O espelho. In: ID. *Primeiras histórias*. 11. ed. Rio de Janeiro : José Olympio, 1978. p. 61-68.
- SANDER, Luís Marcos. *Jesus, o Libertador* : a cristologia da libertação de Leonardo Boff. São Leopoldo : Sinodal, 1986. (Teologia no 3º Mundo, 1).
- SCHWANTES, Milton. Elementos para a compreensão de Gênesis 1 a 3 : uma introdução à concepção bíblica de pessoa humana. In: MATEUS, Odair Pedroso (Ed.). *Teologia no Brasil: teoria e prática*. São Paulo : ASTE, 1985. p. 111-128.

## Notas

- 1 Este texto é uma reformulação de um trabalho escrito para um diálogo com o teólogo e professor de Ética da Universidade do Estado do Rio de Janeiro Leonardo Boff, por ocasião de um seminário por ele realizado no Instituto Ecumênico de Pós-Graduação (IEPG) da Escola Superior de Teologia (EST), em São Leopoldo (RS), em maio de 1994. Foi publicado pela primeira vez, numa versão diferente, em espanhol no livro editado por José DUQUE, *Por una sociedad donde quepan todos* : Cuarta Jornada Teológica de CETELA : teología de Abya-Yala en los albores del siglo XXI : San Jerónimo, Medellín, 10-13 de julio de 1995, San José, Costa Rica : DEI, 1996, p. 337-351. Esta é a primeira versão publicada em português.

- 2 Leonardo BOFF, *Paixão de Cristo — paixão do mundo*, p. 136.
- 3 Milton Schwantes, Elementos para a compreensão de Gênesis 1 a 3, p. 119s.
- 4 ID., *ibid.*, p. 121.
- 5 As citações do conto aqui feitas correspondem à 11ª edição, publicada no Rio de Janeiro por José Olympio, 1978, p. 61-68.
- 6 Sobre o sentido teológico da obra de G. Rosa foi publicado recentemente o livro de Heloisa Vilhena de ARAÚJO, *O roteiro de Deus : dois estudos sobre Guimarães Rosa*, São Paulo : Mandarim, 1996. Nele a autora, profunda conhecedora da obra de G. Rosa, procura mostrar como a trajetória do personagem Riobaldo, de *Grande sertão: veredas* (1956), é uma viagem pelo sertão (o mundo) em direção a Deus (p. 21) e que, se o sertão é dentro da gente, Deus por sua vez “é urgente sem pressa. O sertão é dele?” (Rosa) (p. 15).
- 7 Cf. Walter von LOEWENICH, *A teologia da cruz de Lutero*, p. 127s.
- 8 Adélia PRADO diz o mesmo com respeito ao trabalho do artista: “O que está suposto na arte é amor divino, por isso é que é incansável, eterna, perene alegria. Artista nenhum gera sua própria luz, disto sei, e quem me contou não foi o sange nem a carne, mas o Santo Espírito do Senhor.” *Cacos para um vitral*, 2. ed., Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 1980, p. 123.
- 9 Leonardo BOFF, *A graça libertadora do mundo*, p. 115.
- 10 Cf. Hugo ASSMANN, Teologia da solidariedade e da cidadania ou seja: continuando a Teologia da Libertação, *Jornal Notas*, São Bernardo do Campo, v. 1, n. 2, p. 2-9, 1994. Para a formulação de uma teologia da solidariedade cidadã hoje, Assmann cita três elementos da realidade atual: primeiro, a denúncia da fome e do pisoteamento da dignidade humana em escala nunca vistas; em segundo lugar aparece o fim das ilusões sobre a pretensa solidariedade como algo natural: “É preciso despedir-se de ilusões acerca de propensões solidárias, supostamente espontâneas e naturais, dos seres humanos. A solidariedade não é um impulso psíquico primário. Como dizia Freud (em *O mal-estar na cultura*), ‘o amor ao próximo não tem nada de natural’. O sentimento de solidariedade — como nos assevera o psicanalista Renato Mezan em um artigo recente — precisa ser inserido na evolução bio-psíquica, e só será adquirido ‘na medida em que o ‘ser solidário’ fizer parte do ideal do ego’, isto é, na medida em que for um valor disponível culturalmente no meio social no qual se vive. Isto obriga a teologia a refletir, não apenas sobre a conversão enquanto pré-condição da solidariedade, que não é fruto de espontaneísmos naturais, mas criar um novo conceito de conversão, enquanto integração em processos criadores de solidariedade efetiva, e não um mero processo individual” (p. 9). Em terceiro lugar, Assmann reafirma o laço íntimo entre solidariedade e exercício da cidadania.
- 11 Cf. Leonardo BOFF, *A graça libertadora no mundo*, p. 187. Uma boa exposição sistemática da cristologia de L. Boff se encontra em Luís M. SANDER, *Jesus, o Libertador*.
- 12 Gustavo GUTIÉRREZ, *Falar de Deus desde o sofrimento do inocente*, principalmente p. 142-166.
- 13 Gutiérrez retoma aqui o tema central da teologia luterana: “As obras humanas como tais não justificam, não salvam, dirá São Paulo partindo da revelação em Jesus Cristo. Elas não podem manietar a ação de Deus. É esse o alcance de sua afirmação sobre a ‘justificação pela fé’ (Rm 3.28). A fé que salva é uma graça do Senhor. A entrada no Reino de Deus não é um direito que se adquire, nem sequer com a prática da justiça. É sempre dom gratuito. ‘Foram salvos pela graça’, diz Paulo em Efésios (2.5).” (ID., *ibid.*, p. 145.)
- 14 Caberia aqui um aprofundamento a partir da posição de Lutero no seu escrito “Da vontade cativa”.
- 15 Cf. Ecléa BOSI, Problemas ligados à cultura das classes pobres, especialmente p. 27.
- 16 Cf. Leonardo BOFF, *Eclesiogênese : as comunidades eclesiais de base reinventam a Igreja*, 1977; ID., *A fé na periferia do mundo*, 1978; ID., *América Latina: da conquista à nova evangelização*, 2. ed., 1992.

- 17 Cf. Gustavo GUTIÉRREZ, *Beber no próprio poço*, p. 9, 150, em especial o cap. 2.
- 18 Cf. Hermann BRANDT, *Espiritualidade*, p. 44, 78-84.
- 19 Cf. Antonio Gouvêa MENDONÇA, Teologia e espiritualidade. Nesse artigo o autor aborda a dificuldade de se viver espiritualidade nas escolas de Teologia das igrejas do protestantismo histórico.
- 20 Cf. Leonardo BOFF, *Ecologia, mundialização, espiritualidade*, p. 151.
- 21 Cf. Márcio Fabri dos ANJOS (Org.), *Inculturação: desafios de hoje*, Petrópolis : Vozes/Soter, 1994; ID., *Teologia da inculturação e inculturação da teologia*, Petrópolis : Vozes/Soter, 1995; Cleto CALIMAN, Emanoel PINHEIRO (Orgs.), *O evangelho nas culturas : 5º Congresso Missionário Latino-Americano : COMLA V*, Petrópolis : Vozes/CNBB/COMINA, 1996; Ervino SCHMIDT, Walter ALTMANN (Eds.), *Inculturação e sincretismo*, Porto Alegre, São Leopoldo : CONIC /IEPG, 1995; Manuel QUINTERO (Ed.), *Etnias, culturas, teologías*, Quito : CLAI, 1996.
- 22 Entrevista ao boletim da Pastoral Popular Luterana (PPL) *Vertente*, v. 2, n. 5, p. 6, abr. 1995.
- 23 Cf. Leonardo BOFF, *O caminhar da Igreja com os oprimidos*, p. 208 e 214.

Roberto E. Zwetsch  
Escola Superior de Teologia  
Caixa Postal 14  
93001-970 São Leopoldo — RS